

Rosa da Fonseca

Origens e legado para o Brasil

*Elisangela Bezerra Francisco**

Introdução

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, por intermédio do seu Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar (CEPHiMEx), realizou em setembro de 2016 um Ciclo de Estudos de História Militar com o tema “O Legado de D. Rosa da Fonseca para a Família Militar”. Esse Ciclo atendeu a determinações das Portarias: nº 650, de 10 de junho de 2016 (Diretriz para entronização de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca como Patrona da Família Militar), e nº 255-EME, de 4 de julho de 2016 do chefe do Estado-Maior do Exército, que aprova a Diretriz para a implantação do Projeto Raízes, Valores e Tradições (PRVT) do Exército Brasileiro.

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar as origens familiares de D. Rosa da Fonseca, tratando como focos principais a dificuldade de identificação de sua data de nascimento e também de sua paternidade. Busca destacar ainda, em face do difícil contexto de sua criação e formação, a forte figura feminina em que se tornou Rosa da Fonseca. Resalta, finalmente, a valorosa família que constituiu e que legou à História Institucional do Exército Brasileiro.

Para a realização do presente estudo, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica com levantamento de fontes primárias e secundárias, e foi feita, ainda, entrevista com o pesquisador e descendente de José de Carvalho Pedrosa, Sr. Davi Rodrigues de Sena¹ e com o historiador e especialista nos estudos biográficos sobre Rosa da Fonseca, Sebastião Heleno.

Este trabalho de pesquisa sobre Rosa da Fonseca apresenta documentos comprobatórios, com as devidas fontes. Inicia pelo seu Batismo, discorre sobre a divergência de sua paternidade e seus supostos irmãos e, também, elabora um resumo da vida de seus filhos. Registra, também, suas contribuições para a pátria, com honras, méritos, valores e alicerces que se mantêm até os dias de hoje.

Sua valorosa prole constituiu-se de dez filhos. Oito eram varões, que engajaram na vida de caserna assim como seu pai, Manoel Mendes da Fonseca. Sete deles combateram no teatro de operações da Guerra da Tríplice Aliança, onde três sucumbiram. Os sobreviventes continuaram a contribuir com a pátria, destacando-se o marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República, e o médico e literário, general João Severiano da

* Concluinte do II Curso de Atualização em História Militar, Política e Biográfica do CEPHiMEx, bacharel em Ciências Contábeis (Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rio de Janeiro-RJ). cursando Especialização em História Militar pela UNISUL.

Fonseca, atual patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

O nascimento de Rosa da Fonseca

No ano de 1802, Alagoas fazia parte da capitania de Pernambuco; apenas em 1817 houve a sua emancipação. Em 1822, Alagoas passou a ser Província e apenas em 1899 tornou-se estado federativo.

Sobre Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante, assim chamada, em seu nascimento, há apenas um consenso entre os historiadores, o ano e o local de nascimento: 1802 em Alagoas. Diversas datas foram apresentadas, mas a que esta pesquisadora julga sustentável, após os estudos realizados, é a de 18 de setembro daquele ano.

A igreja até hoje sugere os primeiros meses de vida para o Batismo, então é aceitável a data de 30 de outubro de 1802, considerando seu nascimento em 18 de setembro de 1802. Com base nesse raciocínio, questionamos a data de nascimento de Rosa apresentada pela maioria dos historiadores, 18 de outubro, uma vez que a diferença de apenas 12 dias seria pequena tendo em vista as condições em relação ao puerpério para o deslocamento até o local de batismo — atualmente, Anadias e Marechal Deodoro possuem uma distância de 63,4km e estão, em média, a uma hora de viagem uma da outra.

Sobre seus pais, pouco se comenta ou se tem registro por motivos culturais daquela época, em que a mulher não tinha muito destaque, e apenas as informações dos homens, feita por homens, possuem registros e notoriedade.

O historiador Craveiro Costa, em *História das Alagoas*, diz apenas que D. Rosa da

Fonseca nasceu nas Alagoas em 1802. Ângela Canuto, médica e escritora, em *Mulheres Alagoanas*, a respeito de D. Rosa da Fonseca, registra: “Nasceu em Anadia em 18 de outubro de 1802”; Cícero Rafael, em *História de Anadia*, diz que “D. Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu na cidade das Alagoas, em 18 de outubro de 1802”, mas, sobre seus pais não há informação. Prof. Moacir Medeiros de Santana, em *Efemérides Alagoanas*, diz que “D. Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu em Marechal Deodoro, em 18 de outubro de 1802” e não apresenta sua filiação. No *site História de Alagoas* (www.historiadealagoas.com.br/manoel-mendes-da-fonseca.html), o professor e pesquisador de História e Folclore, José Maria Tenório da Rocha, apenas informa: “D. Rosa da Fonseca, nascida em 18 de outubro de 1802”, não apresentando dados que pudessem esclarecer se o nascimento teria sido em Anadia ou na Cidade das Alagoas. Também não informa quanto aos pais de D. Rosa. Pondera, ainda, que não há um consenso sobre o assunto entre os historiadores. No mais recente livro lançado, *Rosa da Fonseca e seus filhos*, o autor, general médico Alberto Martins da Silva, baseando-se também em outros autores, indica que seu nascimento se deu em 18 de outubro de 1802.

Busca genealógica sobre a paternidade de Rosa da Fonseca

O professor historiador, Sebastião Heleno, afirma em seu livro, *Marechal Deodoro: a primeira Capital de Alagoas*: “D. Rosa Paulina de Barros Cavalcante nasceu em 18 de setembro de 1802 e era filha de Antônia Maria de Barros e José de Carvalho Pedrosa”.

Por que não consta o sobrenome Pedrosa, suposto pai, ao nome de Rosa? Considerando-se o contexto histórico da época, Rosa da Fonseca é mais uma pessoa cuja paternidade não está registrada e, portanto, há ausência do sobrenome paterno ao nome de Rosa da Fonseca. Na **Figura 1**, uma cópia digitalizada do Livro de Batismos da Paróquia de N. S. da Conceição 1802/1810, na pag. 17 v. Registro de Batismo de Roza, datado de 30 de outubro de 1802.

A mãe de Rosa, Antônia Maria, era solteira. Não há citação de seu cônjuge. Provavelmente os pais de Rosa não eram casados conforme as normas da igreja católica. Sobre sua suposta paternidade, José de Carvalho Pedrosa, segue a cópia de assento do casamento, xerografada do Livro nº 1 da freguesia de N. S. da Conceição de Marechal Deodoro, Alagoas. O documento original se encontra no Arquivo da Cúria Metropolitana

de Maceió ou em microfilme do Arquivo da Igreja dos Mórmons, em seu Departamento SHF – Centro da História da Família. Microfilme nº. 1365894.

Eram comuns as variações José Carvalho Pedrosa ou José de Carvalho Pedrosa e, às vezes, encontramos também a grafia José de Carvalho Pedroza. Ângela Custódia do Nascimento aparece, de vez em quando, com a grafia Angélica Custódia do Nascimento e também encontramos Ângela Maria e Anna. Conforme apresentado, José de Carvalho Pedrosa, em 1813, era menor, e estava contraindo núpcias; não poderia ser pai de Rosa da Fonseca, nascida em 1802.

Supostos irmãos de Rosa

Segundo Sebastião Heleno, dona Rosa tinha, por parte de “pai”, os seguintes irmãos: Felicidade Perpétua, Maria da Costa,

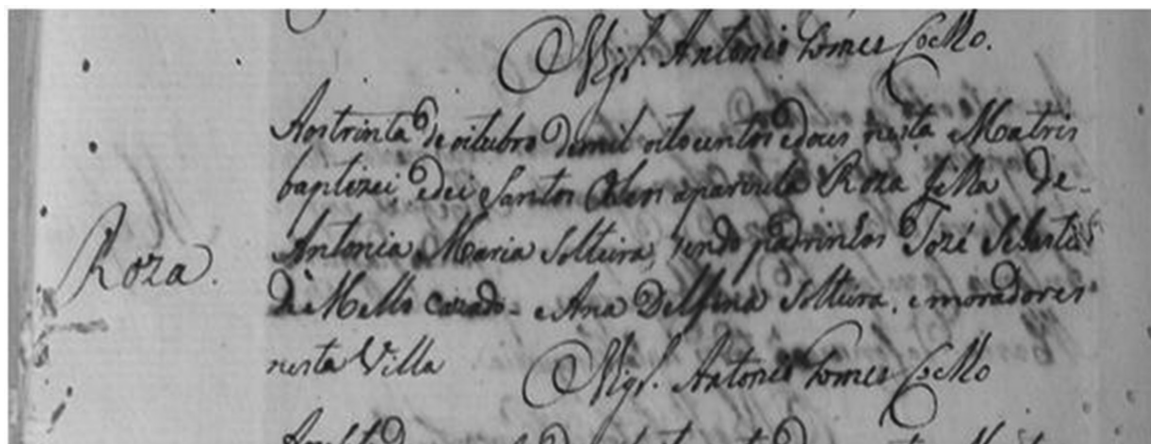


Figura 1 – Registro de Batismo de Roza, datado de 30 de outubro de 1802

Fonte: Livro de Batismos da Paróquia de N. S. da Conceição, 1802-1810, pag. 17 v.

Transcrição: Aos trinta de outubro de mil oitocentos e dois nesta Matriz, batizei e dei Santos Óleos a párvula Roza filha de Antônia Maria solteira, sendo padrinhos José Sebastião de Mello casado e Ana Delfina solteira, moradores nesta Villa.

Aos dezoito de fevereiro de mil oitocentos e treze na Capela de Santa Rita nova, em presença do Padre Manoel Teixeira Pinheiro, de minha licença, sendo testemunhas José Francisco Salgueiro e Miguel Antônio Esteves casados, ambos desta Freguesia, se receberam em Matrimônio na forma do Sagrado Concílio Tridentino, corridos os banhos sem impedimento, o Contraente justificado menoridade em que veio de sua natural Freguesia, o Contraente José de Carvalho Pedrosa com a Contraente Ângela Custódia do Nascimento, ele natural da Freguesia de São Julião do Calendário do Arcebispado de Braga, filho de Domingos Carvalho e Maria Narciza, ela natural desta Freguesia, filha de Antônio Carvalho Monteiro e Joana Francisca. O mesmo Padre lhes deu as bênçãos e eu fiz este assento. O Vigário Antônio Gomes Coelho.

Figura 2 – Assento do casamento de José de Carvalho Pedrosa e Ângela Custódia do Nascimento

Fonte: Livro nº 01 da freguesia de N. S. da Conceição (Marechal Deodoro-AL)

Transcrição: Aos dezoto de fevereiro de mil oitocentos e treze na Capela de Santa Rita nova, em presença do padre Manoel Teixeira Pinheiro, de minha licença, sendo Testemunhas: José Francisco Salgueiro e Miguel Antônio Esteves casados, ambos desta Freguesia, se receberam em Matrimônio na forma do Sagrado Concílio Tridentino, corridos os banhos sem impedimento, o Contraente justificado menoridade em que veio de sua natural Freguesia, o Contraente José de Carvalho Pedrosa com a Contraente Ângela Custódia do Nascimento, ele natural da Freguesia de São Julião do Calendário do Arcebispado de Braga, filho de Domingos Carvalho e Maria Narciza, ela natural desta Freguesia, filha de Antônio Carvalho Monteiro e Joana Francisca. O mesmo Padre lhes deu as bênçãos e eu fiz este assento. O Vigário Antônio Gomes Coelho

Ana Maria da Costa, Pedro Carvalho da Costa e Mariana da Costa. Pelo exposto, José de Carvalho Pedrosa teria tido outra esposa com o sobrenome “da Costa”. O autor, em sua pesquisa de campo, obteve suas informações a partir de visitas e conversas com os moradores locais e afirma que há registros na igreja de Nossa Senhora da Conceição sobre sua família. Com base nas informações obtidas pela pesquisa do professor Sebastião Heleno, José

de Carvalho Pedrosa teria sido casado, também, com Ângela Custódia do Nascimento e teve os filhos que se seguem.

1. Maria Magdalena do Espírito Santo, batizada na capela de Santa Rita em 5 de maio de 1816. Foi casada com José Gregório de Carvalho.
2. Romão, falecido, ainda criança.
3. Theresa Maria de Jesus, que foi casada com Luiz de Carvalho.

4. Manoel, falecido ainda criança.
5. Delfina Maria Pedrosa, casada primeiro com Venâncio Francisco do Espírito Santo, e depois com João Gomes de Carvalho.
6. Felicidade Perpétua, casada com Manoel Ferreira Maia.
7. Manoel de Carvalho Pedrosa, casado primeiro com sua sobrinha Theresa Maria do Espírito Santo (Filha de Maria Magdalena do Espírito) e depois com Emília Maria da Conceição.
8. Pastora Maria de Jesus, casada com Antônio Correia de Melo.
9. Sipriano de Carvalho Pedrosa, casado com Luiza Maria de França.

É notório que nas duas linhagens (da Costa e Pedrosa) há uma irmã com o mes-

mo nome, Felicidade Perpétua... Isso reforça nossa hipótese de que há um equívoco no que diz respeito à tese de que José Carvalho Pedro tenha sido o pai de dona Rosa da Fonseca.

Dentre os filhos apresentados, segue o Batismo de Sipriano, nome incomum entre os filhos e o mais legível para apreciação. Livro de Batismo nº 5 – 1825 a 1848, Paróquia de N. S. da Conceição Marechal Deodoro (**Figura 3**).

Nesse documento, Ângela Custódia aparece com o nome de Ana. Essas trocas de nomes aconteciam, como citado anteriormente. Ex.: Theresa de Jesus e depois aparece como Theresa Pedrosa. Segue outro documento corrigindo tal equívoco, o registro de óbito de Ângela Custódio do Nascimento (**Figura 4**).

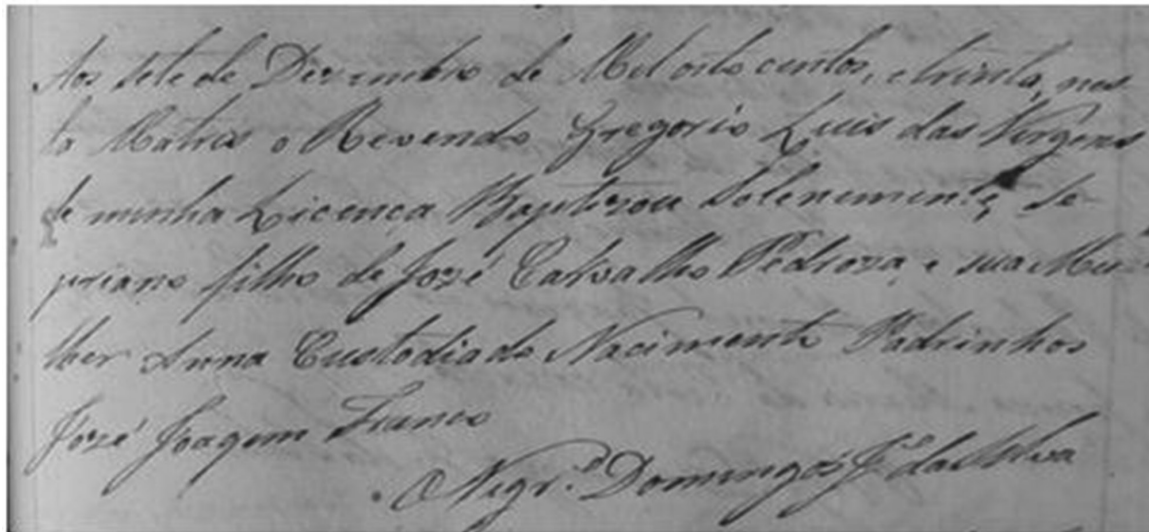


Figura 3 – Certidão de Batismo de Sipriano

Fonte: Livro de Batismo nº 5, 1825-1848, Paróquia de N. S. da Conceição (Marechal Deodoro-AL)

Transcrição: Aos sete de dezembro de mil oitocentos e trinta nesta Matriz o Reverendo Gregório Luis das Virgens de minha licença batizou solenemente a Sipriano, filho de José Carvalho Pedroza e sua mulher Anna Custódia do Nascimento. Padrinho José Joaquim Franco. O Vigário Domingos José da Silva

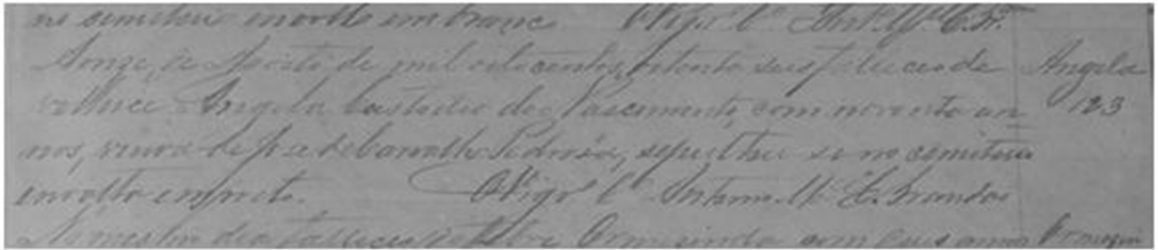


Figura 4 – Registro de óbito de Ângela Custódia do Nascimento

Fonte: livro s/numeração, 1883-1889, pág. 39, Paróquia de N. S. da Conceição (Marechal Deodoro-AL)

Transcrição: A onze de agosto de mil oitocentos e oitenta e seis, faleceu de velhice Ângela Custódia do Nascimento com noventa anos, viúva de José de Carvalho Pedrosa; sepultou-se no cemitério envolta em preto.

O Vigário Antônio Manoel Castilho Brandão

Com esse registro, identifica-se que José de Carvalho Pedrosa teve apenas uma esposa, confrontando o registro anterior em que se encontra o nome Ana e confirmando a troca de nomes ou abreviações.

No dia 30 de setembro, no Livro de Batizados da citada Paróquia, o batizado de Maria, filha de José Carvalho do Bonfim e Sebastiana Maria. Aqui, José Carvalho aparece como sendo do “Bonfim”, talvez por raízes de família ou

por devoção ao Senhor do Bonfim, padroeiro da Igreja do Bonfim na localidade Taperaguá, em Marechal Deodoro. Então, temos: José Carvalho e José Carvalho do Bonfim, identificando a mesma pessoa.

Este documento mostra que Maria seria irmã por parte de pai de Rosa da Fonseca. Mas, devido a tantas controvérsias, sobre o local de nascimento e data da referida, esses dados ainda merecem maiores estudos e pesquisas.



Figura 5 – Batizado de Maria, filha de José Carvalho do Bonfim e Sebastiana Maria

Fonte: Livro de Batismo nº 2, 1810-1817, Paróquia de N. S. da Conceição (Marechal Deodoro-AL)

Transcrição: Aos nove de agosto de mil oitocentos e dezesseis na Capela de Santa Rita batizou e deu os Santos Óleos de minha licença o padre Manoel Teixeira Pinheiro a párvula Maria, filha de José Carvalho do Bonfim e sua mulher Sebastiana Maria; sendo padrinhos Francisco Carvalho Albuquerque e sua mulher Maria da Conceição todos desta freguesia. O vigário Antônio Gomes Coelho

Encontrado o testamento de Domingos de Carvalho Monteiro, que, segundo o documento, seria irmão de José de Carvalho, marido de Antonia Maria, mãe de Rosa da Fonseca. Pelo suposto, Rosa teria ficado órfã ainda pequena. O testamento original se encontra nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL. Devido ao seu estado de conservação, alguns trechos não permitiram a transcrição, mas isso não impediu de se ter seu conteúdo observado.

A moradia de Domingos Carvalho Monteiro era na Ilha do Porto, localidade vizinha ao povoado Riacho Velho, separado por um estreito canal, de poucos metros de largura. Desde o séc. XV, Riacho Velho era “o local de refúgio” dos escravos. Isso se estendeu até o séc. XIX e até hoje se apresenta como um dos mais precários de Alagoas. Segundo o Sr. Sebastião Heleno, foi lá o local de nascimento da D. Rosa da Fonseca.

Analisando a situação do Sr. Domingos Carvalho Monteiro, vemos que o mesmo se encontrava em uma situação muito difícil, a ponto de estar devendo dezesseis mil réis, a sua escrava de nome Felícia. No Nordeste, ainda hoje as pessoas mais religiosas e conservadoras não dizem os nomes daqueles que já faleceram. Apenas dizem: o falecido ou a falecida. E, por conta desse costume, ficamos sem saber os nomes de outros irmãos e irmãs de Domingos Carvalho Monteiro. Aqui, uma prévia cópia com alguns descritos em destaque:

O Testamento de DOMINGOS CARVALHO MONTEIRO, datado de 1805.

Domingos Carvalho Monteiro em seu Testamento, declara: sou natural desta Vila das Alagoas, filho legítimo de Domingos Carvalho Monteiro e de sua mulher, Roza Maria, já

falecidos. Declaro que sempre me conservei solteiro e sempre morador desta Vila e que nunca tive filhos que possam ser meus herdeiros e sim irmãos legítimos que se acham vivos, José Carvalho, casado e morador na Ilha do Porto e Anna Maria, solteira (...). Deve ficar constituído por meus herdeiros, os dois meus irmãos vivos, José Carvalho e Anna Maria, como também a filha do dito, minha sobrinha fêmea que [...]

Pelo documento e localidade, parece se tratar de Rosa da Fonseca, e nota-se que não há sobrenome Pedrosa, ou Bonfim ou da Costa para sua paternidade, conforme consta no citado livro *Marechal Deodoro: a primeira capital de Alagoas*, do respeitável Professor Sebastião Heleno. Ainda, sobre sua mãe, sabe-se que Rosa tornou-se órfã de mãe antes dos seis anos de idade.

O encontro de Rosa Maria com Manoel Mendes da Fonseca

No *site* da Prefeitura de Marechal Deodoro, a primeira capital de Alagoas, consta que Manoel Mendes da Fonseca Galvão Filho, futuro esposo de Rosa, nasceu no dia 25 de julho de 1785, filho único de Manoel Mendes da Fonseca Galvão e de Dona Maria Mendes, recebendo o nome do seu genitor, na localidade denominada de Sítio Gruarana, distante uma légua da Vila de Anadia, estado de Alagoas. Em outro *site*, *Histórias de Alagoas*, descreve-se que:

No dia 25 de setembro de 1806, aos 21 anos de idade, o referido era praça no Exército do Regimento de Infantaria do Recife. Em 6 de março de 1817, estourava no Recife uma revolução chefiada por Domingos José Martins. Com golpes rápidos e inesperados, os rebeldes dominaram a cidade e

construíram uma junta revolucionária. Dali a rebelião espalhou-se para a Paraíba, Fernando de Noronha e Bahia.

Em setembro de 1822, uma grande disputa de poder tomava conta do território brasileiro, em decorrência da Independência do Brasil e da conseqüente separação do território português. Devido à resistência das tropas portuguesas aquarteladas em nosso país, alguns pontos do Brasil tornaram-se cenários para uma intensa guerra. Nesse período de grande importância para a consolidação da independência brasileira, Manuel Mendes destacou-se em uma arriscada missão chefiada por ele, que consistia em levar reforço bélico para os soldados brasileiros que resistiam às tropas portuguesas na Bahia. Por esse fato, Manuel Mendes da Fonseca foi promovido ao posto de alferes (o equivalente a segundo-tenente) e logo foi transferido para o corpo de infantaria da Província de Alagoas. Segundo o *site*, poucos meses depois, no ano de 1823, Mendes foi promovido a capitão e, nesse tempo, conheceu Rosa Maria Paulina.

Conforme o relato, Rosa Maria da Fonseca tinha 21 anos quando se casou com Manoel Mendes da Fonseca. E, apesar da diferença de 17 anos, dessa união surgiu uma verdadeira linhagem de heróis militares. Entre eles, o proclamador da República Federativa do Brasil. No mesmo *site*, a respeito de Manoel Mendes Fonseca, acontece uma divergência relativa a seu sobrenome Galvão. Ora se refere à sua mudança, em 1806, quando se tornou praça, ora, mais adiante, quando a família Galvão não permitiu o uso devido a seu casamento com Rosa Maria, o que aconteceu em 1824. Em 1806, Rosa tinha apenas quatro anos, portanto não seria precursora de tal fato. E no mais, caso esse relato tenha

fundamento, com certeza hoje a família Galvão sentiria muito a perda de tal linhagem devido aos ilustres descendentes que ficaram de fora da genealogia. No *sítio* Family Search foi apresentada uma justificativa provável para a retirada do nome Galvão de Manoel Mendes. No livro *Fonseca — Uma família e uma história*, edição de 1982, Editora Obelisco, São Paulo, Walter Fonseca diz:

Todavia as origens mais remotas dos FONSECAS retroagem no tempo até o século II a.C., quando Portugal e Espanha foram conquistados pelos romanos. O nome FONSECA é tão antigo quanto o antiquíssimo velho Portugal.

E mais adiante ressalta:

A omissão, pelos interessados, do nome FONSECA, parece ter sido feita visando eliminar problema de cacofonia (som ruim — encontro ou repetição de sons que desagradam ao ouvido) Fonseca-Galvão, o que também aconteceria com a retirada do nome GALVÃO, fato circunstancial que ocorreu com o tenente-coronel Manuel Mendes da FONSECA, marido de Rosa da FONSECA e filho único do tenente-coronel Manuel Mendes da FONSECA GALVÃO. Retornando às origens dos FONSECAS no Brasil, verifica-se a existência de dois troncos ancestrais básicos: LOPES GALVÃO e FONSECA GALVÃO.

A seguir, um transcrito da justificativa do casamento de Manoel e Rosa; infelizmente pouco ou nada se lê e, segundo as pesquisas, esses livros estão “perdidos” ou, no caso, ilegíveis. O casamento aconteceu em 9 de dezembro 1824. Infelizmente, o Registro Original de 1824, citado, está assentado no livro nº 2, que já não mais existe no arquivo da Cúria nem tampouco nos Arquivos dos Mórmons.



Figura 6 – Justificação do casamento do major Manoel Mendes da Fonseca e Rosa Maria Paulina da Fonseca (cópia digitalizada) Data: 6 de janeiro de 1841

Fonte: Livro nº 3 na pag. 65

Transcrição: Na data de 9 de dezembro de 1824, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, da Cidade de Alagoas, Manoel Mendes casa-se com D. Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante, sendo testemunhas do enlace Dr. Gustavo Mello de Aguiar e o comandante das Armas Joaquim Mariano de Oliveira Bello, chefe do major Mendes, do qual era seu secretário. A cerimônia foi oficiada pelo Pe. Antonio Gomes Coelho Mello.

O nascimento dos ilustres

A partir de seu casamento, Rosa Maria Paulina Cavalcante de Barros passou a chamar-se Rosa Maria Paulina da Fonseca e ficou conhecida como Sra. Mendes da Fonseca. Em 11 de setembro de 1824, nascia Hermes Ernesto da Fonseca, seu primeiro filho. No ano seguinte, nasceu Severiano Martins da Fon-

seca, em 8 de novembro. E, depois de dois anos, veio o terceiro filho, Manoel Deodoro da Fonseca, em 5 de agosto de 1827. Pedro Paulino da Fonseca, o quarto filho, nasceu em 6 de junho de 1829 e Hipólito Mendes da Fonseca, em 13 de agosto de 1831, sendo o quinto filho.

Rosa ainda concebeu mais dois filhos em Alagoas. Foram Eduardo Emiliano da

Fonseca e João Severiano da Fonseca, respectivamente em 2 de junho de 1833 e 27 de maio de 1835. Em seguida, vieram as duas filhas, Emília Rosa da Fonseca, 26 de fevereiro de 1837 e Amália Rosa, em 20 de março de 1839. Em 1842, aconteceu a migração da família para o Rio de Janeiro, e, três anos depois, nasceu o caçula, Afonso Aurélio da Fonseca, em 11 de setembro de 1845, mesmo dia que seu irmão mais velho.

Firma-se a prole de dona Rosa da Fonseca, 10 filhos, sendo todos os homens integrantes das forças militares, e duas mulheres. Em uma época de mudança histórica no Brasil, a família Fonseca firmou seu nome e também seu sangue para os acontecimentos que se mantêm até os dias de hoje, comentados não apenas no Brasil, mas também no exterior.

Abaixo, registram-se pequenas sínteses biográficas de sua ilustre prole, cujo conteúdo tem por base as biografias constantes da obra *Rosa da Fonseca e seus filhos* (SILVA, 2013).

Hermes Ernesto Da Fonseca

O primogênito, nascido em Alagoas, iniciou sua carreira militar em 25 de setembro de 1842 como praça no Primeiro Batalhão de Artilharia a Pé, antigo regimento de artilharia do Rio de Janeiro, e em seguida se matriculou na Escola Militar da Corte. Em 1844, ganhou duas promoções, de alferes-aluno e segundo-tenente, e foi incorporado ao 4º Batalhão de Infantaria a Pé. No ano seguinte, foi transferido para a Província da Bahia. Participou de diversas movimentações importantes, destaque para a Província de Pernambuco, onde recebeu elogios do imperador, pois foi gravemente ferido à bala. Seus

pais fizeram um pedido à Corte para que seu primogênito recebesse os cuidados necessários no seio familiar, no Rio de Janeiro.

Casou-se por duas vezes, tendo seis filhos com Rita Rodrigues Barbos, entre os quais se destaca Hermes Rodrigues; em segundas núpcias, com Francisca de Paula da Fonseca, tendo mais dois filhos. No Rio Grande do Sul, foi demarcador de terras.

Devido a suas atuações também no teatro de guerra, sempre com heroísmo e bravura, foi um dos militares mais elogiados em seu tempo, além de exercer excelentes postos no Império, como conselheiro de Guerra e brigadeiro do Império. Também foi o governador da província de Mato Grosso (1887-1880); marechal da República e governador da Bahia. Chegou à patente de general e faleceu no Rio de Janeiro em 8 de fevereiro de 1890, após uma cirurgia. Seus restos mortais encontram-se no Cemitério São Francisco Xavier. Como homenagem, o 59º Batalhão de Infantaria, em Alagoas, tem o seu nome.

Seu filho, Hermes, foi ministro da Guerra no início do séc. XIX e o 8º presidente da República Brasileira (1910-1914). A 1ª Região Militar, que compreende os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, leva o seu nome, Marechal Hermes da Fonseca.

Severiano Martins da Fonseca

Segundo filho, entrou juntamente com seu irmão, em 25 de setembro de 1842, no Primeiro Batalhão de Artilharia. Em 1848, terminou o curso de artilharia e foi transferido para o 4º Batalhão de Artilharia. Em 30 de abril de 1852, foi promovido a capitão. Uma particularidade sua: foi o único dos Fonseca a receber um título nobiliárquico, barão de

Alagoas. Como todos os títulos consagrados pela nobreza da época, foi recebido por dedicação e desempenho profissional dentro da carreira militar. Pai do marechal Olímpio de Carvalho Fonseca (1857-1930) e do general Percílio de Carvalho Fonseca (1860-1911).

Manoel Deodoro da Fonseca

Em 25 de fevereiro de 1845, assentou praça no 4º Batalhão de Artilharia a Pé, onde já serviam seus irmãos. Sua primeira missão foi na Província de Pernambuco, no ataque à cidade do Recife, em Soledade, onde arrancou elógios de seu comandante por sua honrosa atuação. Em 1852, chegou a 2º tenente, e foi transferido para a Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Recebeu a patente de capitão e foi servir na Escola Militar. Exerceu o cargo de ajudante de ordem do comandante das armas, tenente-coronel Antônio de Alencastro, na Província de Mato Grosso, em 1859. Nesse período, conheceu sua esposa, Mariana Cecília de Sousa Meireles, carioca, e contraiu matrimônio em 18 de abril de 1860, no Palácio Diocesano, em Cuiabá. Passados dois anos, foi exonerado de seu cargo e retorna à Corte, Somente após 29 anos, regressa ao Mato Grosso, agora como comandante das forças em operação. Em 1864, foi designado para a Brigada Expedicionária no rio Da Prata, e sua esposa fica aos cuidados de sua sogra, já viúva, D. Rosa da Fonseca.

Deodoro foi afastado da Corte. Era notória sua liderança entre as tropas, e contagiante sua visão de mudanças sobre o Imperialismo. Seus irmãos acompanhavam sua trajetória, e muitas cartas eram trocadas, com apoio e conselhos, de uma família que buscava novas perspectivas para um futuro país.

Em 1889, muitas mudanças se consolidavam, como a Lei Áurea, a velhice ditosa do Imperador e o Movimento Republicano, este, com diversos precursores, como Quintino Bocaiúva, Benjamim Constant, Rui Barbosa e Silva Jardim.

Em 15 de novembro de 1889, Deodoro proclama a República e, mais adiante, recebe o título de presidente dos Estados Unidos do Brasil, em 25 de fevereiro de 1891. Passados nove meses, renunciou a seu posto de primeiro presidente e, em 1892, reformou-se, tendo falecido no mesmo ano.

Pedro Paulino da Fonseca

O quarto filho ilustre começou a carreira militar aos 17 anos como praça, seguindo a carreira das armas conforme seus irmãos mais velhos. Matriculou-se na Escola Militar e, em 1854, terminou seu curso de artilharia, servindo ao Exército Imperial até 1861. Foi julgado incapaz pela junta superior de saúde por estar infectado por tuberculose pulmonar, doença que, na época, era incurável.

Casou-se em 1857 com Francisca Catarina Francioni e teve 9 filhos. Mediante sua saída das fileiras imperiais, foi o filho que permaneceu com Rosa durante as insurgências inimigas nas províncias do futuro país. Mais adiante se tornou: vice-diretor da Casa de Correção; coronel honorário; membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGA); membro do Clube de Bethoven; primeiro governador de Alagoas, sendo eleito pelo congresso em 1891; e patrono da cadeira 54 do IHGA. Estava, no dia 15 de novembro de 1889, a cavalo, ao lado de Quintino Bocaiúva e Benjamim Constant aguardando o pronunciamento de seu irmão, Deodoro,

consolidando a República. Faleceu em 16 de novembro de 1902, no Rio de Janeiro.

Hipólito Mendes da Fonseca

O quinto filho de Rosa da Fonseca foi dado como morto em Curupati, em 1866, mas, segundo alguns historiadores, seu corpo não foi encontrado, apesar das intensas buscas e das notícias desnorteadas sobre sua morte. Foi o segundo filho a falecer na guerra da Tríplice Aliança. Começou no Exército com 15 anos e serviu no Batalhão de Depósito de Recrutadas. Casou-se com Guilhermina Coralina Dutra, em Porto Alegre, no ano de 1861, e teve três filhos. Foi promovido a alferes em 1853, a tenente em 1861 e a capitão em 1866.

Eduardo Emiliano da Fonseca

Foi o terceiro filho de Rosa a sucumbir na Guerra. Entrou para o Exército com 20 anos no 1º Batalhão de Infantaria. Foi promovido a cadete em 1854, aspirante-a-oficial em 1857, tenente em 1861, capitão em 1867 e major em 1868. Serviu a bordo do navio Jequitinhonha na Batalha do Riachuelo, em junho de 1865, sendo detentor de muitas honrarias e medalhas. Faleceu em Itororó, onde comandava o 40º Batalhão de Voluntários, em 6 de dezembro de 1868. Era solteiro e, assim como Deodoro, não deixou filhos.

João Severiano da Fonseca

Foi o médico da família Fonseca, apesar de todos os irmãos e seu pai dedicarem-se à vida da caserna. Seguiu sua própria carreira, o que também orgulhava seus pais e todos os familiares. Ingressou na Faculdade de Medicina da Corte em 1853, concluindo cinco

anos depois. Seu pai falecera após um ano de sua formatura; em 1861, adoeceu gravemente, interrompendo suas atividades.

Finalmente entrou para o Corpo de Saúde do Exército, em 1862, e na Guerra do Paraguai, encontrou seus irmãos em Montevideo, onde exerceu suas habilidades médicas com os feridos. Esteve em diversos locais, sob o comando de diversos patronos, como Caxias, por exemplo. Também detentor de diversas honrarias e medalhas, é, dos filhos de Rosa da Fonseca, o mais agraciado em documentos, registros e contos da época.

Foi membro da Academia Real Militar e integrante do IHGB, da Associação dos Homens de Letra, da Sociedade União Militar, recebendo diversos outros títulos, inclusive internacionais. Casou-se pela primeira vez em Corumbá com Anália D'Alincourt, em 1877, onde nasceram dois herdeiros. Hermes, que seguiu a carreira militar e chegou a marechal, e Afonso, que foi tabelião. Em segundas núpcias, agora no Rio de Janeiro, com Orminda dos Santos Cruz, na qual teve um filho de nome Carlos.

Em umas de suas reuniões, no Liceu do Rio de Janeiro, estiveram presentes importantes nomes da história, como D. Pedro II, a princesa Isabel e seu marido, o conde D'Eu, Cristiano Benedito Ottoni, entre outros. Faleceu no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1897. É patrono do Serviço de Saúde do Exército.

Emília Rosa da Fonseca e Amália Rosa da Fonseca

Como ainda era da cultura da época, poucos relatos se têm das irmãs, assim como pouco se apresentou de sua genitora. Emília

casou-se com Balbino Furtado de Mendonça e deixou seis filhos, falecendo em 23 de julho de 1887. Amália não deixou filhos, mas contraiu núpcias com Raimundo Ribeiro do Amaral. Na revista *Veja*, edição histórica, com subtítulo *Galanteios do bardo agreste, um marechal poeta e dançarino*, Valente apresenta as irmãs, como o maior temor de Deodoro, uma vez que o repreendiam abertamente por suas saídas extraconjugais.

Afonso Aurélio da Fonseca

O caçula dos Fonseca, único nascido no Rio de Janeiro, estudou no Mosteiro de São Bento e, aos 20 anos, ingressou nas fileiras do Exército Imperial, no 34º Batalhão de Voluntários da Pátria. Foi o último filho a servir à pátria e também o primeiro a derramar seu sangue por ela. Marchava na linha de frente, pois era o porta-bandeira de seu batalhão.

A encarnação da Pátria

Recebia Rosa da Fonseca, já viúva, a notícia da morte de seu caçula, Afonso Aurélio, e, logo em seguida, a de seu quinto filho, Hipólito, ocasião na qual fez menção ao seu patriotismo. Seu falecido marido, o major Manoel Mendes, já demonstrara em sua vida militar a busca por mudanças e a lealdade ao futuro Brasil. Ficou Rosa incumbida de cuidar da carreira de seus filhos e também os apresentou como sacrifício, camuflando a sua dor, diante de dolorosos e inesquecíveis acontecimentos.

Ainda tenho cinco filhos, dos sete que para lá foram, prefiro, porém, não vê-los mais, que fiquem sepultados na terra inimigos, com morte gloriosa no Campo de Batalha,

a que voltem enlameados por essa paz desonrosa.²

Na revista da época, *Semana Illustrada*, de 20 de agosto de 1865, pág. 5, há um soneto dedicado a Rosa da Fonseca. Seu autor, a princípio anônimo, apresenta para seus leitores, de uma forma poética, a honrosa demonstração da matriarca sobre o sacrifício de perder os filhos em nome da pátria. Segundo alguns historiadores e estudiosos, o soneto pode ser de autoria da própria Rosa. Juntamente com este, na referida revista, aparece a ilustração de Rosa com seus sete filhos que serviam na guerra. Os redatores da revista eram Machado de Assis, Bruno Seabra, Pedro Luiz, Joaquim Serra e Ernesto Cybrão.

Cala-te amor de mãe! Quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado.
Amor da Pátria, vivido, elevado
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior do que o perigo.
Pede-te a Pátria, cidadão honrado.
Vai meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

És o sétimo, o último. Minh'alma,
Vai toda aí, convosco repartida
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! Não te assuste o horror da marcia lida,
Colhe no verde campo a melhor palma
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

Em dezembro de 1868, outra notícia veio a despertar mais sentimentos em Rosa, a morte de seu filho Eduardo Mendes e os ferimentos de fuzil em Deodoro e no seu outro filho, Hermes. Não obstante a dor, com mais uma vitória das tropas brasileiras, ainda se referiu à pátria com ápice constringendo sua ferida de mãe. Assim teria dito e proce-



Figura 7 – Dona Rosa e seus filhos que serviam na Guerra do Paraguai

Fonte: Revista Semana Illustrada de 20 de agosto de 1865, pág. 5

dido: “Sei o que houve, talvez até Deodoro esteja morto. Mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles” (sítio eletrônico do Exército Brasileiro)³. Com tudo isso, ainda assim, enfeitou a sua sacada com bandeiras, tudo em ritmo de festa, animando suas noras e filhas. Depois, recolheu-se a seus aposentos, onde, trancada, chorou por três dias o destino de seus filhos. Hoje, sua casa tornou-se o IGHMB, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Rosa faleceu em 11 de junho de 1873, no Rio de Janeiro e seu jazigo encontra-se no cemitério São Francisco Xavier, localidade do Caju.

Patrona da Família Militar e seus nomes

Rosa Maria Paulina da Fonseca hoje é Patrona da Família Militar, sendo constituído o Dia da Família Militar a data de seu provável nascimento, em 18 de setembro.

Homenagem merecida por todos os seus feitos e de sua prole. Em Alagoas, e também no Rio de Janeiro, no bairro de Deodoro, há uma escola de ensino fundamental que tem seu nome. Também chamada de Mãe dos Sete Macabeus, referente a uma passagem bíblica, na qual a mãe vê seus sete filhos serem mortos por professar sua fé, queimados à sua vista.

Após o casamento, ficou conhecida como Sr.^a Mendes da Fonseca. Para os familiares, era carinhosamente chamada de Vó Tadona (SILVA, 2013 p.24), principalmente a partir da época em que se tornou viúva e exerceu o papel de chefe da família, sendo responsável por suas noras, filhas, netos e Pedro Paulino. O Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB), sediado na Casa Histórica de Deodoro, espaço aberto à visitação, homenageia Rosa da Fonseca com a nomeação de seu pátio como Pátio Rosa da Fonseca.

Observações finais

A partir dos estudos aqui expostos, encontramos caminhos mais consistentes para o esclarecimento de algumas dúvidas sobre a genealogia de Rosa da Fonseca. As entrevistas feitas por correio eletrônico com o professor Sebastião Heleno indicam a figura paterna de José de Carvalho Pedrosa, porém a questão de duas linhagens de irmãos por parte de pai, uma delas com sobrenome “Da Costa”, com registros na referida igreja de Alagoas, colocam em dúvida a paternidade de José Carvalho Pedrosa.

Além disso, a fonte documental (certidão) relativa ao casamento de José de Carvalho Pedrosa apresenta, com clareza, que José de Carvalho Pedrosa, em 1813, era menor e estava contraindo núpcias com essa ressalva; portanto, não poderia ser pai de Rosa da Fonseca, nascida em 1802, o que desestabiliza sobremaneira a hipótese de que seria o genitor de nossa heroína.

Em relação à data de nascimento de Rosa, acreditamos, conforme o registro de seu batismo, ser mais verossímil a data de 18 de setembro de 1802, e não 18 de outubro, pe-

las razões expostas no texto. Especialmente a questão da preservação do tempo de resguardo após o nascimento — tendo sido batizada em 30 de outubro, conforme comprovamos com sua certidão de batismo, não teria sido possível, com apenas 12 dias de nascida, ter percorrido 63,4km até o local de batismo, a cidade de Marechal Deodoro.

É possível inferir que, quando conheceu Manoel Mendes, Rosa já sabia de seus feitos, inclusive sua declaração de Independência na Província. A história que nos legaram faz-nos crer que compartilhavam da mesma visão de mundo, e o resultado foi a descendência de homens nobres, todos atuantes no Exército Brasileiro, verdadeiros alicerces da História da República, e de mulheres fortes e preservadoras das Instituições e da ordem.

Rosa, a querida *vó Tadona*, como a chamavam seus familiares, infelizmente, não viu a República e nem quem a proclamou, mas talvez soubesse em seu coração que seus filhos seriam notáveis homens, como fora seu marido. Mesmo viúva, manteve sua postura como amante do Brasil, e dedicou-se inteiramente à Pátria. **REB**

Referências

- CRAVEIRO, João Costa: **História das Alagoas**. Editora Melhoramentos, 1984.
- FONSECA, Pedro Paulino da. **Genealogia dos Galvões e FONSECAS**. Maceió, Revista do IHGAL, 1880.
- FONSECA, Walter. **Fonseca: uma família e uma história**. São Paulo: Obelisco, 1982.
- HELENO, Sebastião. **Marechal Deodoro a primeira Capital de Alagoas**. Editora Marechal Deodoro, 2002.
- MEDEIROS, Moacir de Santana. **Efemérides Alagoanas**. Edição de 1992 - Instituto Arnon de Mello.
- RAFAEL, Cícero. **História de Anadia**. Maceió: SERGASA, 1994.

REVISTA Semana Ilustrada. *Edição 00245, de 20 de agosto de 1865.*

ROCHA, José Maria Tenório. **Manoel Mendes da Fonseca**. *Memórias Legislativas*. 15 de março de 1998. Disponível em <www.historiadealagoas.com.br/manoel-mendes-da-fonseca.html>. Acesso em: 18/10/2016.

ROSA da Fonseca. Disponível em <www.wikialagoas.al.org.br/index.php?title=Rosa_da_Fonseca&oldid=93445#Vencendo_Barreiras>. Acesso em 15/10/ 2016.

PATRONO. Rosa da Fonseca. Disponível em <www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/olavo-bilac-servico-milit-1>. Acesso em 16/10/ 2016.

SILVA, Alberto Martins da. **General João Severiano da Fonseca**. 1ª edição. Brasília: Editora EGGCF, 2007.

SILVA, Alberto Martins da. **Rosa da Fonseca e seu Filhos**. 1ª edição. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2013.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Davi Rodrigues de Sena. Natural de Maceió-AL. Desenhista técnico e professor aposentado do curso de Edificações do IFAL. Pesquisador de sua genealogia. Principalmente pelos seus antepassados. Famílias: Hollanda Cavalcanti, Carvalho Monteiro, Carvalho Pedrosa, Rodrigues Gaia, Rodrigues Pauferro, Rodrigues de Senna... Dentre outras. É tetraneto de José De Carvalho Pedrosa.

² Página eletrônica do sítio <www.historiadealagoas.com.br/manoel-mendes-da-fonseca.html>.

³ <www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/olavo-bilac-servico-milit-1>.